

DESCONSTRUIR O *DREAM GAP* NO ENSINO DA MATEMÁTICA É SER INSUBORDINADO

Jéssica Luna¹

Resumo: O artigo abordou a questão do *Dream Gap* (Fenda dos Sonhos) e sua relação com o ensino da Matemática. O *Dream Gap* refere-se à tendência das meninas limitarem suas ambições devido a estereótipos de gênero. No contexto educacional, especialmente nas aulas de Matemática, educadores desempenham um papel fundamental em combater esse fenômeno. A insubordinação criativa surge como abordagem eficaz, envolvendo a quebra de estereótipos e a criação de ambientes inclusivos que valorizem as habilidades de todas as alunas. Ao promover discussões abertas sobre igualdade de gênero, apresentar modelos diversos e desenvolver atividades desafiadoras, é possível fortalecer a autoconfiança das meninas e capacitá-las a superar o *Dream Gap*. Ao adotar práticas que promovam a igualdade de gênero e a participação plena de todas as alunas nas aulas de Matemática, os educadores podem desempenhar um papel transformador na quebra de estereótipos arraigados, empoderando as jovens a seguirem seus interesses e objetivos sem limitações autoimpostas.

Palavras-chave: Dream Gap, Insubordinação criativa, Ensino de Matemática, Igualdade de gênero, Empoderamento feminino.

1. SOBRE O DREAM GAP

Recentemente, a exibição do filme Barbie nas telonas gerou uma série de reflexões profundas e estimulou questionamentos relevantes sobre os temas relacionados aos debates feministas e ao sistema neoliberal. Através de sua narrativa e abordagem, o filme provocou análises mais abrangentes sobre como as representações de gênero se entrelaçam com as dinâmicas econômicas contemporâneas, gerando discussões pertinentes sobre o papel das mulheres na sociedade e sua interação com estruturas políticas e econômicas complexas.

Surge, então, o termo Dream Gap (em português, "Fenda dos Sonhos") que se refere a um projeto desenvolvido pela indústria Mattel da famosa boneca Barbie, apoiada por pesquisas sociais desenvolvidas pela Universidade da Califórnia (Center for Scholars Storytellers) e pela Universidade de Nova York. A pauta destaca a tendência de meninas jovens começarem a limitar suas próprias ambições e aspirações desde cedo, devido a influências culturais e estereótipos de gênero. O Dream Gap sugere que as meninas podem começar a acreditar que não são tão capazes quanto os meninos em áreas como ciência, tecnologia, engenharia e matemática, o que pode

¹ jessicamluna@gmail.com

impactar negativamente suas escolhas educacionais e carreiras no futuro.

A pesquisa associada a essa teoria busca identificar os fatores que contribuem para essa fenda de aspirações entre meninas e meninos. Acredita-se que a mídia, brinquedos e interações sociais desempenham um papel importante na formação dessas percepções. A Barbie, juntamente com outros defensores da igualdade de gênero, busca combater o *Dream Gap* por meio de iniciativas que promovam a autoconfiança, a habilidade e o empoderamento das meninas, encorajando-as a perseguir suas ambições sem limitações impostas por estereótipos de gênero.

O *Dream Gap* é prejudicial porque pode impactar as escolhas educacionais e profissionais das meninas no futuro, limitando suas perspectivas de carreira e restringindo seu potencial de realização. A sociedade perde quando talentos e habilidades são subutilizados devido a preconceitos de gênero. Portanto, combater o *Dream Gap* é fundamental para promover a igualdade de gênero, permitindo que meninas e mulheres alcancem seus objetivos e sonhos sem limitações impostas por estereótipos de gênero.

No contexto da escola, especialmente nas aulas de Matemática, os educadores têm a oportunidade de desempenhar um papel crucial no combate ao *Dream Gap*. Uma abordagem eficaz envolve a conscientização e o diálogo aberto. Os educadores podem conscientizar os alunos, tanto meninos quanto meninas, sobre a existência do *Dream Gap* e os efeitos prejudiciais dos estereótipos de gênero. Promover discussões abertas sobre igualdade de gênero e destacar exemplos de mulheres bem-sucedidas em campos como a Matemática ajuda a desafiar essas percepções negativas.

Além disso, criar um ambiente de sala de aula inclusivo é essencial. Isso envolve encorajar meninas a se envolverem ativamente na resolução de problemas matemáticos e promover a confiança em suas habilidades. Trazer exemplos de mulheres matemáticas proeminentes ao longo da história e contemporâneas pode inspirar as meninas e mostrar que a Matemática não é uma área exclusivamente masculina.

Desenvolver atividades práticas e desafiadoras que envolvam habilidades matemáticas pode aumentar a autoconfiança das meninas. Isso pode incluir resolução de problemas do mundo real e projetos colaborativos. Estimular a curiosidade e o pensamento crítico nas aulas de Matemática ajuda a quebrar barreiras autoimpostas, permitindo que as meninas se sintam mais empoderadas para enfrentar desafios matemáticos.

É fundamental evitar reforçar estereótipos de gênero na linguagem, exemplos ou escolhas de atividades. Fornecer feedback construtivo e positivo que enfatize o esforço e a melhoria, em vez de rotular o desempenho das meninas, pode fortalecer sua autoimagem e motivação na Matemática.

Em última análise, o combate ao *Dream Gap* nas escolas e aulas de Matemática exige um esforço contínuo para criar um ambiente onde todas as crianças e jovens se sintam capazes de explorar, aprender e crescer, independentemente de seu gênero. A educação tem um papel poderoso em moldar perspectivas e moldar um futuro mais igualitário.

2. A DOCÊNCIA INSUBORDINADA DIANTE DO *DREAM GAP*

As meninas e as jovens muitas vezes se deparam com obstáculos significativos no âmbito da matemática, decorrentes de uma interseção de fatores sociais, culturais e educacionais. Essas barreiras têm o potencial de influenciar negativamente sua autoconfiança, interesse e desempenho nessa disciplina essencial. Desde uma idade precoce, estereótipos de gênero podem moldar as perspectivas das meninas acerca de suas aptidões matemáticas, um fenômeno que pode ser observado até mesmo em atividades desenvolvidas durante a educação infantil (UNESCO, 2018).

A partir dos seis anos de idade, surge uma tendência preocupante: meninas podem desenvolver uma autopercepção de menor inteligência em comparação com seus colegas do sexo masculino (BIAN, LESLIE & CIMPIAN, 2017). A noção de que a matemática é um território mais propício para os meninos pode instilar dúvidas nas meninas a respeito de suas próprias capacidades, muitas vezes levando-as a evitar um envolvimento pleno com essa disciplina. Esse fenômeno contribui para a chamada "Fenda dos Sonhos", uma disparidade entre as aspirações e ambições das meninas e dos meninos, a qual pode ser atribuída a uma série de influências sociais, culturais e educacionais.

Ir na contramão dessas influências é essencial para a prática do ensino de matemática. Nesse sentido, há de convir que trabalhar a docência a fim de quebrar esse paradigma social é se apoiar na insubordinação criativa por se referir a uma atitude de oposição e desafio à autoridade estabelecida, especialmente quando essa autoridade entra em conflito com o bem-estar dos outros, mesmo que não intencionalmente, por meio de regras incoerentes, excludentes ou discriminatórias. Nesse contexto, a insubordinação criativa envolve uma consciência aguçada sobre como agir contra procedimentos ou diretrizes já estabelecidas. Ser subversivamente responsável implica em assumir uma identidade em constante evolução, onde a curiosidade serve como alicerçamento na construção do conhecimento, e a ausência de um fim definido se transforma em uma busca perpétua por novas respostas (D'AMBROSIO; LOPES, 2014).

De acordo com Gutiérrez (2013), no contexto do ensino de Matemática, os professores

demonstram insubordinação criativa por meio de diversas ações inovadoras. Essas ações incluem desenvolver argumentos alternativos para explicar discrepâncias de desempenho entre os alunos, desviando da tendência de generalização frequentemente encontrada nas avaliações. Além disso, eles questionam a maneira como a Matemática é tradicionalmente apresentada na escola, destacando a humanidade e a incerteza inerentes à disciplina. Os professores também dão aos alunos um papel ativo como criadores da Matemática, ao mesmo tempo em que desafiam discursos discriminatórios que possam existir em relação a eles.

A insubordinação criativa no ensino da Matemática busca enfrentar essa disparidade ao adotar abordagens pedagógicas que desafiam os estereótipos de gênero e preconceitos gerados por eles. Ao criar um ambiente de aprendizado que incentiva a participação igualitária e a confiança das alunas, os professores podem ajudar a superar as autopercepções negativas relacionadas à Matemática.

Por meio da insubordinação criativa, os professores podem: Reformular a narrativa, abordando a Matemática de maneira que não a perpetue como uma disciplina dominada por meninos, mas sim como um campo aberto a todos, independentemente do gênero; apresentar modelos diversos, destacando mulheres bem-sucedidas em Matemática e áreas relacionadas para mostrar às alunas que são capazes de alcançar grande sucesso nesse campo; promover a participação, criando atividades e projetos que encorajem a participação ativa e colaborativa de todas as alunas, para que elas vejam a Matemática como um espaço onde são valorizadas.

Uma pesquisa significativa sobre o tema, conduzida por Leyva (2017), identificou esses mecanismos que frequentemente moldam as experiências das alunas em relação à Matemática. Esses mecanismos estão entrelaçados com vários aspectos:

i) Processos de Desempenho em Tarefas de Matemática: A pesquisa aponta que meninas podem enfrentar obstáculos específicos em áreas como raciocínio espacial e

ii) Fatores Psicossociais: Atitudes em relação à Matemática, tanto das alunas quanto daqueles ao seu redor (professores, pais), desempenham um papel vital. O apoio e as expectativas positivas desses influenciadores são fundamentais para contrabalançar quaisquer percepções negativas associadas à Matemática.

iii) Influências Contextuais: Normas culturais, o currículo escolar e as

instruções recebidas podem influenciar de maneira significativa o interesse e o sucesso das alunas na Matemática. Introduzir exemplos diversificados e histórias de sucesso feminino na Matemática pode ajudar a desconstruir essas barreiras culturais.

Portanto, ao criar um ambiente educacional que considera e responde a esses mecanismos, os educadores têm a oportunidade de não apenas proporcionar uma educação de qualidade, mas também de desafiar as limitações impostas pelo Dream Gap. Isso permitirá que as alunas desenvolvam plenamente suas habilidades matemáticas e cultivem uma confiança duradoura em suas próprias capacidades.

Nesse contexto, surge a necessidade de questionar os processos educacionais e as abordagens de pesquisa, considerando nossas experiências profissionais como geradoras de conhecimento intelectual, social, emocional e moral. Integrar essa preocupação aos programas de formação significa abordar aspectos negligenciados pela tradição acadêmica e técnica. Para tanto, é essencial compreender a complexa realidade da educação e pesquisa, tomar decisões subversivas e agir com criatividade e responsabilidade. Tanto o conhecimento pedagógico quanto o científico são influenciados por valores ideológicos e éticos, moldados por quem os seleciona, organiza e compartilha. Essa construção frequentemente surge de um cenário educacional complexo, que demanda consideração das reais perplexidades e contradições das instituições educativas (D'AMBROSIO; LOPES, 2015).

Assim, a abordagem da insubordinação criativa surge como uma ferramenta poderosa para enfrentar o desafio do Dream Gap nas aulas de Matemática. Ao reconhecer a influência dos estereótipos de gênero e das normas sociais que afetam as percepções das meninas em relação à Matemática, os educadores podem adotar estratégias inovadoras que desafiam essas limitações impostas. Ao criar ambientes inclusivos e interativos que valorizam as contribuições de todas as alunas, independentemente de seu gênero, é possível estimular a autoconfiança e o engajamento ativo na disciplina. Através da insubordinação criativa, os educadores podem romper com os paradigmas tradicionais, questionando e redefinindo as abordagens de ensino para atender às necessidades individuais e eliminar barreiras autoimpostas. Dessa forma, a educação se torna uma força motriz para a transformação, capacitando as meninas a superarem o Dream Gap e a realizarem plenamente seu potencial na Matemática e em todas as áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

Rio de Janeiro - Brazil
September 28 - 30, 2023



BIAN, L., LESLIE, S. J., & CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. *Science*, 355(6323), 2017, p. 389-391. 2017. <https://doi.org/10.1126/science.aah6524>

D'AMBROSIO, Beatriz; LOPES, Celi. **Trajetórias Profissionais de Educadoras Matemáticas**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

_____. Insubordinação Criativa: Um convite à reinvenção do educador matemático. *Bolema*. Rio Claro (SP), v.29, n.51, p.1-17, abr.2015.

DREAM GAP. Disponível em: <https://shop.mattel.com/pages/barbie-dream-gap> Acesso em: 10 de agosto de 2023.

GUTIERREZ, R. Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities. In: MARTINEZ, M.; CASTRO SUPERFINE, A. (Ed.). Proceedings of the 35th annual meeting of the North American Chapter of the International Group for the Psychology of Mathematics Education. 35th Chicago, IL: **Proceedings...** Chicago, IL: University of Illinois at Chicago, 2013. p. 1248- 1251.

LEYVA, Luis A. Unpacking the Male Superiority Myth and Masculinization of Mathematics at the Intersections: a review of research on gender in mathematics education. *Journal For Research In Mathematics Education*, [S.L.], v. 48, n. 4, p. 397-433, jul. 2017. National Council of Teachers of Mathematics. <http://dx.doi.org/10.5951/jresematheduc.48.4.0397>.

UNESCO. Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. 2018.